

**E**sta sexta-feira, 29 de Maio, Adriana Calcanhotto ia apresentar ao vivo em Coimbra o seu álbum *Margem*. Em vez disso, retida no Brasil devido à pandemia da covid-19 e sem poder voltar à Universidade onde tem leccionado (a de Coimbra, precisamente), lança um novo disco. Mas se *Margem* levou uns dez anos a idealizar e concretizar, este foi escrito em dez dias. Adriana impôs a si própria a disciplina de compor uma canção por dia e cumpriu, anotando no próprio disco o dia e hora a que elas foram escritas, de 27 de Março a 3 Abril, e a última a 10 de Abril.

Só – *Canções da Quarentena* foi composto, produzido, gravado e misturado em 43 dias, até 8 de Maio, em vários lugares (Rio, São Paulo, Belém, Salvador, Orlando e Tóquio) e com vários músicos, “cada um em sua casa”, a trabalhar juntos num disco que não é como os outros: de edição independente, é lançado agora nas plataformas digitais e terá forma física só em Agosto e em vinil, num LP de tiragem limitada.

Ao mesmo tempo, será publicada no Vimeo uma versão audiovisual deste trabalho, num videoclipe-sequência de todas as músicas registadas no quarto de Adriana. “Com todo o cuidado na gravação”, segundo o fotógrafo e realizador Murilo Alvesso, que dirigirá as filmagens.

Os direitos de cada umas das nove canções revertem a favor de uma entidade social (Redes da Maré, Coletivo Papo Reto, A Rocinha Resiste, Amigos do Hospital do Fundão, Cesta SomLidária, Ação Cidadania, Funk Solidário, UBC Compositores # Juntos Pela Música), sendo que Adriana cede os direitos de uma delas (*Lembrando da estrada*) à sua equipa de técnicos. Um disco criado numa situação limite e nela embebido, para enfrentar o que ela nos trouxe.

#### Como é que lidou com a quarentena, para se impor criar uma canção por dia?

Sou conhecida por passar a vida de pijama, ou pijama ou figurino, mas na quarentena só uso pijama para dormir. Acordava com essa disposição de ‘vamos lá’, estamos em guerra, vamos p’ra frente. E foi muito interessante, porque eu não tinha nenhum pensamento de álbum. Mas queria fazer uma canção até à hora do almoço. Todos os dias. Claro que podia não sair nada. Pessoas que trabalham com encomendas têm sempre um adiamento, que faz parte. Mas desta vez não. Eu botava

**“Acordava com essa disposição de ‘vamos lá’, estamos em guerra, vamos p’ra frente. Queria fazer uma canção até à hora do almoço. Todos os dias”**

## Nuno Pacheco

Retida no Brasil e sem poder voltar a Coimbra para retomar as suas aulas, Adriana Calcanhotto enfrentou a pandemia com um novo disco. *Só – Canções da Quarentena* chega hoje às plataformas digitais, com a força daquilo que o inspirou: uma situação limite.

# Adriana So

uma roupa, fazia o meu café e, não sei como, fazia uma canção.

**Terá ajudado, responder aqui a uma encomenda de si própria?**

Era trabalhar para as pessoas, era um atalho emergencial, não dava para ficar pensando. Na verdade, era o que eu estaria fazendo com meus alunos [na Universidade de Coimbra]: fazer canções. É preciso uma canção para quinta-feira? Vamos! É uma coisa que eu tenho amado fazer, esse curso. Então, fiz esse curso aqui e deu um álbum.

**Compôs as nove canções na exacta sequência em que elas surgem no álbum?**

Foi essa mesmo, por ordem cronológica. Inclusive no encarte tem o dia e hora em que cada canção foi feita. Porque dentro dessa estrutura de pensar em alunos, em processo de composição e tudo, eu abria o mesmo caderno e botava o horário.

**O primeiro tema, *Ninguém na rua*, dá-nos uma imagem do que vimos pelo mundo, “Céu preto, inteiro antes da uma/ ninguém na rua, nem mesma a luz da Lua”. Sentiu isso no Rio?**

Eu moro no meio da mata, tenho árvores em volta. Não tenho essa noção directa, moro na roça. A minha janela para o mundo são as notícias, pela televisão, os telex-jornais locais.

**As canções seguintes, *Era só e Eu vi você sambar*, falam sobre uma ausência (a primeira) e a necessidade de um reencontro. O que as inspirou?**

Não sei dizer, porque grande parte dessas canções eu não fiz na guitarra. Mas em geral botava uma batida, como faço com os alunos, para exercício de rima, e então ia saindo. Mas não sei responder a isso, porque não tenho a menor intimidade com essas canções. É um álbum em estado bruto, literalmente. Se não houvesse essa urgência, estas canções estariam mais espaçadas no tempo e eu trabalharia, pelo processo normal, às camadas.

**Em *O que temos*, você escreve “o que temos são janelas” e mais adiante “o que temos são panelas”, terminando com o barulho do bater de panelas usado nos protestos no Brasil, que parece gravado num exterior. É um reflexo do estado a que se chegou?**

Aí, há muitas ideias recorrentes. A primeira, é o enquadramento do mundo, os esquadros. Comecei essa canção à noite, vendo as notícias, e os depoimentos dessas pessoas que estão muito íntimas e muito sós. Parece que estamos juntos em alguma medida, mas não. Diz-se que não haveria um *impeachment* no Brasil porque as pessoas não podem sair às ruas, mas essa canção só quer dizer que pode ser de outro jeito, que não é por isso.

**O ruído das panelas foi mesmo gravado num exterior, aí no Rio?**

Essa gravação foi feita na Gávea e é de um painelço [um protesto com bater de panelas] que houve no Rio, no dia da demissão [por Bolsonaro] do ministro [da Saúde] Mandetta. Foi gravado da varanda de um amigo e há uma coisa muito profunda nesse som, porque a casa fica numa esquina e então há um “corredor” onde ecoa a manifestação das pessoas.

**O samba *Sol quadrado*, o tema mais curto do disco (1:44), lembra pela intenção *Apesar de você*, de Chico Buarque, porque afronta o poder: “Levanta que agora é chegado o teu dia/ levanta que chegou a hora do povo ver/ tu levares pra casa tudo o que tens plantado/ levanta para ver o sol quadrado”. É assim?**

O que nos moveu, a um e ao outro, para essas canções, sendo que há um abismo entre os resultados, é a mesma situação. Porque se fala da lei da Física, de jogar pra cima e voltar [“Diz uma lei da física/ que o que joga pró alto volta para o teu telhado”], e as pessoas que usam o nível da linguagem do Bolsonaro dizem é “não leve desaforo pra casa”. Mas, pelas leis da Física, a gente sabe que o tamanho das quedas é conforme o tamanho da pretensão.

**Diz-se que nem nos piores cenários se imaginava uma coisa assim. Concorda?**

O José Simão [jornalista e humorista brasileiro] fez, há já um tempo, este comentário, que acho o melhor de todos: “As nossas expectativas não eram altas, mas... puta merda!” E continua assim, ladeira abaixo. Acho que nem nos piores pesadelos. Mas essa reunião ministerial [a do vídeo divulgado pelo Supremo Tribunal Federal] acelera o processo, não é possível, não passará! Mas esse é um Brasil que sempre esteve aí. A popularidade dele [de Bolsonaro] agora está caindo, mas até aqui ele esteve representando um terço.

**As canções *Tive notícias suas* (“coração de quarentena na Quaresma, nas trevas”) e *Lembrando da estrada* (“abre a cortina/ cai o pano/ levanta a lona/ poltrona da janela”) têm um mesmo olhar. É sempre o de quem está em casa para fora, não?**

É saudades da estrada, mesmo. Levantar o circo, que é o oposto aqui, quando se está em casa tanto tempo. Mas essa referência à Quaresma, eu tenho uma quaresmeira [árvore brasileira, da Mata Atlântica] aqui no meu jardim. E quando eu comecei a compor, ela estava escandalosa de linda. Agora que estamos em Maio, já não.

**Em *Bunda lê lê*, que começa por dizer “é o funk da quarentena” (foi gravada com Dennis DJ), há**

**um apelo a não ficar parado: “Senta a bunda e lê, lê, e vai à luta”...**

É um “vamos lá”, uma brincadeira com esses termos do funk. Porque “senta” é das coisas que mais se ouve no funk, “senta” e “vai, vai, vai”. Mas esses “vai, vai, vai”, quem disse primeiro foi o Vinícius [de Moraes]. Então, tem essa citação. Mas “senta a bunda” quer dizer estuda, foca-te, concentra-te. Que desculpa nós temos, fora a angústia de estarmos vivos e de estarmos com uma pandemia, para não ler os clássicos? **A última canção, *Corre o Munda*, pega no nome dado pelos romanos ao Mondego (Munda) e abre até com o som da guitarra coimbrã. Foi a saudade que a levou a escrevê-la?**

Foi, completamente. E ela é a última, porque eu fiz o *Bunda lê lê*, que é uma canção alegre, engraçada, mas aí vem o sentimento de que essas canções estão acontecendo pela saudade de Coimbra, pelo facto de eu não estar lá. E eu pensei na frase que é da *Canção do exílio* [de Gonçalves Dias, escrita em Coimbra em 1847, com saudades do Brasil], “Não permita Deus que eu morra,/ Sem que eu volte para lá”, porque eu estou com o mesmo sentimento mas na outra ponta geográfica [no Rio com saudades de Coimbra].

**Como é que se está a viver o confinamento, agora, no Rio de Janeiro?**

Hoje de manhã, em Duque de Caxias [um município do Rio], as pessoas estavam aglomeradas, sem máscaras, em filas para comprar electrodomésticos. Fica confuso, para as pessoas, ouvir dizer que o foco não está aqui, porque se é uma pandemia pode estar em todo o lado. É desumano. Como fazer as pessoas acreditarem que têm de usar máscara, se ouvem o que ouvem e não têm a certeza? Elas não acreditam, simplesmente.

**Dedicou este seu disco a Moraes Moreira, que morreu durante a pandemia, embora não da covid-19. Qual é a força e a importância dessa dedicatória?**

Ele era um homem da alegria e morreu de um enfarte. E por causa da pandemia, o Brasil não pôde se despedir dele. A Praça Castro Alves não pôde se despedir de Moraes Moreira, eu não pude me despedir dele. Conheci-o numa entrevista à TV Educativa, acho que mal que eu cheguei ao Rio, éramos convidados do mesmo programa e logo aí gostámo-nos. Não tivemos muito contacto, não fomos amigos, mas depois eu comecei a trabalhar com o Davi Moraes [também músico, filho de Moraes Moreira], e todas a vezes que nós nos encontrámo-nos ele era um doador ambulante de alegria. Melhorava o astral. Fiquei muito triste por não nos termos podido despedir dele. É mais uma das dores desta pandemia.

“Era um atalho emergencial, não dava para ficar pensando. Na verdade, era o que eu estaria fazendo com meus alunos [na Universidade de Coimbra]: fazer canções. É preciso uma canção para quinta-feira? Vamos! É uma coisa que eu tenho amado fazer, esse curso. Então, fiz esse curso aqui e deu um álbum”



Só  
Adriana  
Calcanhotto  
ed. independente

